

NOME: MARIANA VILHENA DE FARIA

TÍTULO: INTERCÂMBIOS DE SABERES E AGROECOLOGIA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

AUTORES: MARIANA VILHENA DE FARIA, MARIANA VILHENA DE FARIA

PALAVRA CHAVE: AGROECOLOGIA, INTERCÂMBIO DE SABERES, AGRICULTURA FAMILIAR

RESUMO

No município de Carangola/MG, a expansão acelerada dos monocultivos de eucalipto, associados a pecuária e a produção de café na lógica da Revolução Verde, representam fortes ameaças a (re) produção do modo de vida campesino, isto é, às formas de existência de agricultores e agricultoras familiares da região da Zona da Mata mineira. Por isso, através de parcerias interinstitucionais (Sindicatos, Ong's, Universidades, Igrejas, dentre outros) e da presença maciça dos camponeses, estamos desenvolvendo o Projeto de Extensão "Disseminação e Fortalecimento das Experiências Agroecológicas em Carangola/MG", no qual buscamos construir coletivamente encontros para troca de saberes ecológicos, dando novo impulso para espalhar conhecimentos e práticas ligados à Agroecologia no município. Os Intercâmbios de Saberes como são chamados, são eventos que possuem uma metodologia específica que se constitui em oito etapas básicas: a mobilização dos agricultores (as) familiares; a mística de abertura; a apresentação individual dos participantes e das organizações; a história da família anfitriã; caminhada pela propriedade; partilha dos conhecimentos; troca de sementes e mudas e a mística de encerramento e socialização através do compartilhamento de alimentos.

Por meio dos Intercâmbios, buscamos considerar as diversas matrizes produtoras de conhecimento, valorizando todas as formas de construção de saberes, com atenção especial para o conhecimento acumulado pelos sujeitos do campo a partir do trabalho na terra. A heterogeneidade humana que esses encontros conseguem aglutinar, reunindo pessoas das mais variadas origens e formações, enriquecem profundamente a troca de experiências, ampliando o leque de conhecimentos agroecológicos. Consideramos esses encontros como uma forma de se educar no/do e para o campo. A Agroecologia surgiu precisamente por meio de uma interação entre os produtores - que rebelam-se diante da deterioração da natureza e da sociedade provocada pelo modelo produtivo hegemônico - e os pesquisadores mais comprometidos na busca de alternativas. É justamente sobre a discussão acerca da definição de Agroecologia que se trata este trabalho. Ao longo das vivências realizadas nos encontros - principalmente os Intercâmbios de Saberes, mas também os cursos de formação ou oficinas em que estamos participando - percebemos que o conceito de Agroecologia ainda é motivo de grande indefinição e disputa, confundindo-se principalmente com a produção de alimentos orgânicos, ou seja, sem a contaminação de agrotóxicos. Certamente que a Agroecologia tem como foco o cultivo de alimentos livres de contaminação, mas entendemos que ela se distancia da agricultura orgânica porque está ligada a luta pela (re) produção do modo de vida campesino como um todo, preocupando-se com a preservação de valores socioculturais e ainda, às possibilidades de se apropriar dos espaços de acordo com a história da comunidade e do ecossistema em que essas populações estão inseridas. Por que entrar nessa disputa é importante? Porque tratam-se de modelos de desenvolvimento, de projetos de campo distintos. Os campesinos com quem estamos trabalhando tem nos mostrado a necessidade de considerar a ampliação do conceito e da prática agroecológica para que seja possível a resistência de seus modos de vida, ou em linguagem geográfica, de suas territorialidades. Assim, ao mesmo tempo em que identificamos certa confusão quanto ao uso do termo Agroecologia (indicando também que constitui-se como um campo de disputas), notamos que através da manutenção e reprodução das práticas sócio-culturais - não excluindo a dimensão produtiva - os campesinos ampliam demais o significado da palavra e pretendem re(existir), construindo seus territórios através dessas territorialidades específicas. Para ilustrar o que estamos querendo dizer vale lembrar desses encontros dos quais falamos mais acima e das diversas manifestações que os acompanham: as festas, as relações sociais, a forma de tratamento da saúde, a alimentação, a produção de alimentos, a educação no/do campo, dentre outros aspectos que nos mostram que se trata de uma totalidade absolutamente interconectada com o relacionamento com a terra. Nas festas são utilizados elementos da própria natureza para produzir os objetos de decoração como tochas e balaios, além de utensílios domésticos como copos e cumbucas feitos de bambu encontrado na própria comunidade. Para preparar a comida que será consumida pelos participantes, as mulheres se encontram na cozinha, e além de trocar saberes, tem a oportunidade de contar suas histórias umas para as outras, fortalecendo os vínculos e demonstrando a importância do estar junto como uma forma de socialização fortalecedora do modo de vida campesino. Na saúde, a homeopatia funciona extraindo das plantas, do sol, ou do trovão, as propriedades necessárias para curar o ser humano, as plantas e os animais. A própria dimensão produtiva, baseada na diversidade dos sistemas agroflorestais sem a utilização de agrotóxicos dão base de sustentação para que essas formas de vida aconteçam, usando também os saberes acumulados na lida com a terra e nas experiências que deram certo ao longo do tempo. A Agroecologia assume assim outras 4 dimensões para além da dimensão econômica (produtiva), a saber a dimensão cultural, social, política e ambiental. Considerar a Agroecologia como um saber que dá conta dessa totalidade, significa reconhecer o direito dessas populações de manterem seus modos de vida frente aos avanços das monoculturas e do agronegócio, reivindicando políticas públicas que deem conta não só da terra, mas também de seus territórios frente ao avanço dessas formas de agricultura.